

GTPOS

Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

EDITORIAL

Tratar da gravidez na adolescência numa única edição do **Boletim GTPOS** não foi suficiente.

A gravidez na adolescência pode ser acidental mas frequentemente resulta de valores, fatores sociais, de um desejo inconsciente de ter um bebê ou do próprio impulso sexual que determina a realização. Espera-se que o bebê traga amor e dê sentido à vida, escapando dos sentimentos de vulnerabilidade, carência e dos desafios da vida.

Nesta edição do **Boletim GTPOS** abordamos o tema da responsabilidade necessária para lidar com o instinto sexual, com os valores sociais, com a pressão cultural e evitar o filho não planejado. Afinal, o que permite que a prevenção aconteça?

Ter consciência da força da libido e das fantasias que impulsionam a vida sexual, poder pensar, refletir e arcar com as consequências dos próprios atos, é uma alternativa. Conversar sobre as necessidades básicas do bebê pode contribuir para que a gravidez seja planejada.

Construir uma atitude responsável com a relação à vida sexual, compreendendo o poder do desejo, do prazer e dos afetos é tirar a sexualidade dos contos de fadas, a máscara da ignorância e é encarar que a sexualidade é vital e pertence a todos nós! É disso que vamos falar...

GTPOS

Quem é o lobo ?

por Francisca Vieitas Vergueiro

Amãe de Chapeuzinho Vermelho¹ ao despedir-se da filha, incumbindo-a de levar bolo e vinho para a avozinha doente, derrama uma torrente de recomendações: “seja uma boa menina, não saia do caminho, nada de ficar bisbilhotando pelos cantos...”. Chapeuzinho encanta-se com as flores e borboletas, conversa com estranhos, e chega perigosamente perto do lobo. Já de início, a voz da mãe anuncia o desenrolar da história: a curiosidade ingênua da menina a conduz diretamente à boca do lobo.

Assim como na história, pais, mães e até mesmo professores, quando apresentados ao trabalho de orientação sexual desenvolvido em escolas, repetem a inquietação da mãe de Chapeuzinho. Imaginam os perigos que o contato com o tema da sexualidade pode trazer. Em

geral, temem que o esclarecimento – conhecimento – fatalmente conduza seus filhos à prática precoce da sexualidade. A idéia subjacente é que a ignorância os protegeria da dor: “o que os olhos não vêem o coração não sente”. Verdade, até o inevitável momento em que a realidade se apresenta, com todas as suas cores e intensidades, escancarando, além dos olhos, todos os órgãos de sentido. Realidade, aqui, deve ser entendida tanto como realidade externa, da vida e dos fatos, quanto como realidade interna, pulsional, dos desejos e necessidades inerentes aos seres humanos.

Sabemos, desde Freud, que a sexualidade nasce junto com a vida, é seu motor ao longo do desenvolvimento do indivíduo, expressando-se de diferentes formas em diversas etapas. Não há como negar que a curiosidade, diretamente sexual ou transformada e dirigida para outras áreas, é a mola do desejo de conhecer, impulsionando a pessoa em direção ao mundo das relações. Chapeuzinho e nossos

ANOTE O
NOVO PREFIXO
DOS TELEFONES
DO GTPOS:

3842.2174

3842.8249

Quem é o lobo?

CONTINUAÇÃO

adolescentes da atualidade querem conhecer o lobo, saber como são seus olhos, seus ouvidos, sua boca, enfim, dar vazão ao que sentem dentro de si no contato com outro ser humano.

Com a mudança na cultura da sexualidade, a partir dos anos 60, e a relativização do tabu da virgindade, os costumes sexuais vêm mudando consideravelmente. Estudos apontam que o início da vida sexual ocorre cada vez mais cedo, no mundo e no Brasil. A primeira pesquisa nacional sobre o comportamento sexual do brasileiro (Ministério da Saúde, 1999) aponta que em 1984, 35% dos meninos e 14% das meninas haviam iniciado a vida sexual antes dos 15 anos. Em 1998, este percentual cresceu para 47% entre os meninos e 32% entre as meninas. Com isto, novos e graves problemas surgem, quando aumentam também os índices de gravidez e de infecção pelo HIV na adolescência. A culpa é do sexo? Observamos uma vertente de reações sociais na direção da contenção da sexualidade: a mídia apresenta, como um novo fenômeno social, o grupo de garotas ingênuas, que querem manter-se virgens até o casamento²; um estudo recente revela que nos Estados Unidos, um terço dos distritos educacionais que desenvolvem programas de educação sexual advogam a abstinência sexual como o único comportamento aceitável antes do casamento³ (nos últimos dois anos, o congresso americano destinou US\$ 50 milhões a programas pró-abstinência sexual! ⁴).

Por outro lado, crescem experiências bem sucedidas, em todo o mundo, de programas de orientação sexual desenvolvidos em escolas. Um estudo da Organização Mundial da Saúde⁵, que analisou 1000 relatórios de vários países sobre o tema, concluiu que a afirmação de que a informação sexual conduz à iniciação sexual precoce é um mito. Pelo contrário, indica, em muitos casos, que o resultado é a postergação da atividade sexual, devido à ampliação dos conhecimentos e desenvolvimento de atitudes que envolvam decisões responsáveis.

O que os adultos, pais e professores temem, justamente por conhecê-la, é a intensidade da força pulsional, que desmancha a razão, colo-

cando em risco a força dos conselhos e orientações dos pais. Mesmo com todo o peso que a fala materna, internalizada, possa ter no dinamismo da psique, “seja uma boa menina, minha filha” é um argumento fraco frente à intensidade da pulsão, tanto dos quanto das adolescentes. Adicione-se a isso a adolescência em si, com todas as suas características de onipotência, impulsividade, inexperiência e sede de conhecer, e teremos uma condição bastante frágil para “usar a cabeça” na hora do sexo.

O que pode ser feito para fortalecer esta condição? O que se pode oferecer aos jovens é a ampliação de sua capacidade de pensar e refletir. Podemos favorecer sua condição de contrapor à pulsão, ao desejo e à impulsividade, outra ordem de desejos e necessidades: não a que diz respeito à satisfação imediata, mas à condição de poder escolher de verdade o que se quer para a própria vida, incluindo nesta escolha, a perspectiva do futuro. Ter autonomia em relação à própria vida é muito mais do que fazer as coisas sozinho. É também poder considerar tudo o que está envolvido nas atitudes que se toma. Ninguém nasce responsável; há um trabalho a ser feito nesta direção.

Ser responsável é uma condição construída a partir das sucessivas experiências com a realidade, no confronto íntimo entre o impulso e o pensar, e seu processamento reflexivo.

O lobo não é a sexualidade, é a ignorância de si.

**Chapeuzinho e
nossos adolescentes
da atualidade
querem conhecer o lobo,
saber como são seus
olhos, seus ouvidos,
sua boca.**

NOTAS

- 1 Grimm, Jacob, *Chapeuzinho Vermelho e outros contos*; tradução de Ana Maria Machado; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- 2 *Revista da Folha*, 27/02/2000.
- 3 Making the Connection, SIECUS Newsletter # 1, intl@siecus.org
- 4 *Revista da Folha*, 14/11/ 1999, p. 17
- 5 Making the Connection, op. cit..

Educação no cinema

por Antonio Carlos Egypto

Educação fica bem na boca de político na hora de se eleger. Depois costuma deixar de ser prioridade. Mas chegamos num ponto em que ou ela se torna prioridade para todos ou vamos ser eternamente o país do futuro. De que futuro, ninguém sabe.

Dois ótimos filmes, exibidos recentemente em São Paulo, colocam a educação como seu tema principal. Um chinês e um francês. Encantam e comovem.

São educativos, problematizam o tema nas suas realidades. Bem parecidas com a nossa, em muitos aspectos.

O primeiro, *NENHUM A MENOS* (*Yi Ge Dou Bu Neng Shao*), China, 1999, é dirigido pelo talentosíssimo Zhang Ymou, que já nos deu um dos grandes filmes sobre relações de gênero, com um visual esplendoroso, *Lanternas Vermelhas*, lembram-se? Fez também *Amor e Sedução*, *Sorgo Vermelho*, *A História de Qiu Ju*. Em suma, um craque da telona. O filme é imperdível. É ver e se emocionar. A simplicidade do roteiro lembra os filmes iranianos, já a realidade da educação rural na

China lembra as nossas próprias carências... E tem a ingenuidade, o idealismo, os perigos da cidade grande, a força da mídia.

QUANDO TUDO COMEÇA (*Ça Commence Aujourd'hui*), grata revelação do cinema francês de 1999, é dirigido por Bernard Tavernier. Fala também das imensas dificuldades de exercer o ofício de ensinar, do descaso e da burocracia do Estado, de crianças empobrecidas, assustadas e espancadas, da escola pública e da luta do educador. É espantoso como tudo se parece tanto com a nossa realidade. O Estado neoliberal parece ser o mesmo em toda parte. Não percam.

RECADOS AOS EDUCADORES

Para trabalhar o tema "O que é ser responsável"

por
Marcos Ribeiro
do Vale Neto,
Paulo Pompéia e
Patrícia Novaes

Esta dinâmica pode ser realizada integralmente em cerca de 2 horas ou adaptada, para ser utilizada em períodos menores.

I. Apresentação do grupo:

Os coordenadores solicitam que os adolescentes formem um círculo, todos em pé, e que cada um se apresente com seu nome e um gesto (movimento). Em seqüência, cada um deverá repetir os nomes e gestos das pessoas anteriores e em seguida acrescentar os seus.

Obs.: o grupo poderá ajudar os companheiros a lembrar dos gestos e nomes das pessoas fazendo junto. O jogo é divertido!

II. Relaxamento:

Os coordenadores propõem que todos procurem um lugar confortável, se acomodem nas cadeiras, no chão, etc. e fechem os olhos, relaxem o corpo, respirando profundamente. Feito isso, coloca-se uma música bem calma (de relaxamento) e pede-se aos participantes: "Procurem lembrar (em silêncio) de uma situação em que você foi responsável...(aproximadamente 2 min.) e agora, outra situação em que você não foi responsável... Em seguida os coordenadores propõem o retorno à situação grupal: cada um "espreguiçando" e "acordando".

III. **Divide-se o grupo em 3 ou 4 mini grupos:**

Nesses grupos os adolescentes poderão compartilhar as situações lembradas e em cada uma delas dizer um sentimento relacionado à situação vivida. Os participantes trocam idéias e escrevem os seus sentimentos em 2 cartolinas: numa, colocam os sentimentos relacionados à situações em que foram responsáveis, na outra, às situações em que não foram.

Em seguida comparam as duas listas dos sentimentos e respondem à questão: "O que significa ser responsável?"

A partir de suas conclusões, os participantes escrevem suas frases nos cartazes. Ser responsável é...

IV. De volta ao grupo:

Os mini grupos apresentam e analisam o conteúdo dos cartazes, com todo o grupo observando o

que há de comum e de diferente.

Sugere-se então a leitura (em dicionário) das palavras *responsável* e *responsabilidade* e sua comparação com as frases dos cartazes.

V. Os coordenadores dividem o grupo em 4 "novos" mini grupos:

A tarefa para os adolescentes é: montarem 2 cenas de responsabilidade e 2 cenas de irresponsabilidade relacionadas com a sexualidade (a vida sexual). Cada mini grupo deverá escolher um cena para montar e representar para o restante do grupo.

Após a apresentação das 4 cenas, os coordenadores conduzem o debate com as seguintes questões: "O que facilitou e o que dificultou ser responsável?". "Na hora 'H' como lidar com os desejos?". "O que nos torna mais (ou menos) responsáveis na adolescência e quais as conseqüências?". "O que acontece comigo e com o outro?".

Sugestão: os coordenadores poderão apresentar e discutir com o grupo o conceito de vulnerabili-

Vídeo

Material de apoio para o trabalho com o tema desta edição: O vídeo “Vulnerabilidades Vulneradolescente”, apresenta e propõe debate sobre o conceito de vulnerabilidade. Quem tiver o interesse em adquiri-lo entre em contato com:

Núcleo de Comunicação –
FIOCRUZ
tel. (21) 280.9441 / 590.9122
ramal 209 -12 – Rio de Janeiro

Agradecemos à Maria Helena Matarazzo, pelos livros que enviou ao nosso Centro de Documentação e Informação. Sua contribuição tem sido constante e muito nos sensibiliza.

R E S

responsável”

dade – contribuindo com suas reflexões sobre promoção de saúde e a prevenção da Aids (para subsidiar esta atividade, veja seção CDI indica).

No final do debate os grupos escrevem mensagens em tiras grandes de papel ou folha sulfite e entregam aos coordenadores.

VI. Fechamento:

Com o grupo todo reunido, são escolhidos dois voluntários: um garoto e uma garota para ficarem à frente do grupo: todos lêem as mensagens e as colocam sobre o corpo dos 2 voluntários. Todos debatem as frases concluindo assim a oficina. Por exemplo: “Fique esperto”...onde seria o melhor lugar para colocar esta frase? nas mãos? na cabeça? no coração? em vários locais? quais? e assim por diante.

► **Marcos, Paulo e Patrícia são adolescentes multiplicadores do núcleo central – Projeto Trance essa Rede**

Adolescência e responsabilidade

por Yara Sayão

O que é mesmo ser responsável? Segundo a maioria das definições, é arcar com as conseqüências dos seus atos. O que tem condições morais e materiais de assumir compromisso. Até aqui, nenhum problema. As grandes questões são: como pensar a questão da responsabilidade dos jovens perante sua saúde sexual? como se dá o aprendizado da responsabilidade? Estamos supondo, é claro, que não se trata de talento inato, característica “de personalidade” ou jeito de ser.

Tomemos então a responsabilidade como uma atitude perante determinadas situações, que varia segundo o contexto. Temos diferentes níveis de responsabilidade: a compartilhada, perante o coletivo ao qual se pertence e a individual, frente a questões predominantemente pessoais. E, se estamos falando de algo que é aprendido, cabe desde já a pergunta: quem ensina?

O processo de ensino-aprendizagem de atitudes é o menos explorado do ponto de vista pedagógico. Bastante complexo por envolver valores, podemos tentar vislumbrar um dos determinantes desse processo.

Ocorre o desenvolvimento da responsabilidade quando o outro, familiar ou responsável pela criança, atribui a ela algo para que enfrente sozinha. Temos portanto que a capacidade de ter uma atitude responsável é desenvolvida ao longo do tempo; será aos poucos que a criança irá percebendo as conseqüências de suas ações, principalmente por meio da reação dos adultos, para então poder agir de forma a antecipar e considerar os efeitos decorrentes de seus atos.

Durante a adolescência, portanto, é que ocorre o aprendizado das atitudes e decisões pertinentes ao mundo adulto, processo esse que, como toda a aprendizagem, implica em acertos e erros. O adolescente só poderá se tornar responsável na medida em que tenha tido oportunidades de exercer “pequenas responsabilidades”, tendo experimentado atitudes inconseqüentes e suas decorrências.

A grande questão que se coloca então, é: temos tido nós, educadores, essa capacidade de delegar responsabilidades às crianças? Temos conseguido permitir que elas ajam e tomem decisões enfrentando as perdas, imprevistos, frustrações e descontentamentos advindos de atitudes que elas próprias tomaram? Ou será que temos sido super-protetores e não facilitadores do crescimento e da aquisição de atitudes responsáveis?

Muitos adultos atualmente queixam-se da interminável adolescência dos dias de hoje, acusando os jovens de se comportarem de maneira irresponsável frente às demandas do mundo adulto: maternidade/paternidade, trabalho, independência econômica, etc. Entre outros fatores necessários para a análise deste acontecimento, vale a questão: será que nós adultos soubemos ensinar a esses jovens o que é ser responsável?

Ser responsável é preciso. E aí?

por Antonio Carlos Egypto

Prevenção das DST/Aids ou de gravidez não-planejada supõe responsabilidade na vida sexual. É certamente o que os adultos – pais ou educadores – esperam dos jovens. E, supõe-se, apliquem em suas próprias vidas.

O que é esta responsabilidade? Controle sobre o impulso sexual? Abstinência forçada? Automatização do uso da camisinha em todas as relações sexuais? Camisinha só nas relações inféis dos casais?

É preciso ter consciência do problema para prevenir-se. Estar informado, saber das coisas. Mas se isto bastasse os índices de contaminação pelo HIV e os outros agentes das DSTs teriam caído dramaticamente, após tantas campanhas e trabalhos, desde que a propagação da Aids foi enfrentada em nosso país. E, conseqüentemente, os índices de gravidez na adolescência teriam acompanhado essa queda. Como sabemos, não foi o que aconteceu.

A prevenção passa por caminhos mais complexos, que supõem debate, reflexão, enfrentar preconceitos, superar condicionamentos, trabalhar obstáculos culturalmente estabelecidos e talvez o mais difícil: exercer controle sobre impulsos e sentimentos.

Dá para tornar automático o uso da camisinha? Assim feito mudança de marcha quando se dirige? A *idéia* parece estar incorporada na cabeça dos jovens. Mas na prática... Da vergonha ao medo de falhar, ou da impossibilidade de evitar uma ejaculação antecipada até o desejo secreto de transgredir a “norma” dos adultos, experimentar a “sensação” proibida pela capa protetora, tudo parece contribuir para o uso “de vez em quando”.

Como deixar de transar na ausência da camisinha, se o tesão é tão grande, se a espera pode ter sido longa, se é preciso impressioná-lo ou impressioná-la, se há uma prova de amor em jogo, se se pode perder o outro, se o desejo escapa ao controle?

Haja responsabilidade numa hora dessas! E, no entanto, é preciso. Sim, é preciso. Mas é possível?

Bem, talvez seja possível planejar para que a camisinha nunca falte. E aprender a lidar com a desconfiança do parceiro ou parceira. O fato é que quem está apaixonado geralmente claudica nessa hora. Não é só questão de saber, nem de ter, mas de sentir e poder agir.

Abstinência é alternativa à camisinha. Sexo só depois do casamento, nunca fora dele, ou quando se encontra a pessoa certa, no momento certo e no lugar adequado. Nada de que se possa arrepende depois. Todos já ouvimos isso em algum lugar. Em casa, na igreja, na escola, no grupo de amigos, nas nossas próprias crenças internas.

Reprimir ou sublimar impulsos é da vida, mas na hora a guarda baixa, “a vaca vai pro brejo” e os valores tão bem cultivados durante toda uma vida têm que ser revistos.

O equilíbrio é sempre muito difícil, diante da realidade dos impulsos e dos desejos. Ao que está dentro de nós, somem-se os estímulos externos: da mídia, do consumo, do sexo glamourizado, eschachado, vendido e comprado como mercadoria, fonte de poder e dinheiro. E aí quem resiste? Principalmente se estiver na fase dos hormônios a mil.

Tem também a pressão do grupo. Os meninos precisam provar sua virilidade, a si mesmos e aos outros. As meninas não querem passar por bobas, nem ficar para trás.

A pressão pode ser de outro tipo: pela virgindade, abstinência, as meninas estimuladas “a valorizar o produto”, até fingir que não sabem de sexo para não “pegar mal”. Tudo depende do meio onde se está.

Como educadores, temos que continuar acreditando na estratégia de dialogar, problematizar, provocar debate, produzir reflexão. Isto é, sem dúvida, muito mais do que só informar. Mas daí a dizer que **garante** alguma coisa, já são outros quinhentos. É indispensável a responsabilidade na vida sexual. Como dizia Vinícios de Moraes: são demais os perigos desta vida. Pois é!

O equilíbrio é sempre muito difícil, diante da realidade dos impulsos e dos desejos.

CURSOS DO GTPOS

BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual financiada pela Unesco e CN DST/AIDS - Ministério da Saúde.



Coordenação Editorial:
Francisca Vieitas Vergueiro

Rua Monte Aprazível, 199
Vila Nova Conceição
04513-030 São Paulo/SP - Brasil
Fone (011) 3842.8249
Fax (011) 3842.2174

EQUIPE DO GTPOS:

Presidente de Honra:
Marta Suplicy
Presidente:
José Luiz Brant de Carvalho
Vice presidente:
Elisabeth Maria Vieira Gonçalves

Antonio Carlos Egypto,
Elisabeth Bahia Figueiredo,
Elisabeth Maria Vieira
Gonçalves, Francisca Vieitas
Vergueiro, Maria Aparecida
Barbirato, Maria Cecília Pereira
da Silva, Maria Cristina
Domingues Pinto, Maria da
Glória Camargo Macruz, Maria
Rosa da Silva, Ricardo de Castro
e Silva, Silvio Duarte Bock e
Yara Sayão.

Colaboraram nesta edição:
Antonio Carlos Egypto, Elisabeth
Bahia Figueiredo, Elisabeth
Maria Vieira Gonçalves,
Francisca Vieitas Vergueiro e
Maria Cecília Pereira da Silva.
**CDI - Centro de Documentação
e Informação**

Atendimento: Leonardo

Acquaviva Pavez

Bibliotecária: Clara A. M.

Ruggiero - CRB/8-5571

Consultoria: Maria Delcinea

Feitosa

Secretaria: Rita de Cássia Ap. S.

Pereira, Valquíria Silva

Apoio: Fundação MacArthur

Jornalista responsável: Nelma

de Fátima Firmiano (MTB

13582)

Projeto Gráfico e Edição de

Arte: Moema Kuyumjian

Impressão: Gravasá

Tiragem: 8.000 exemplares

DIAS 26, 27 E 28 DE MAIO DE 2.000

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com adolescentes - 16 horas de duração

DIAS 30 DE JUNHO, 1 E 2 DE JULHO DE 2000

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com crianças - 16 horas de duração

OFICINAS DE PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS PARA EMPRESAS

Projetos elaborados de acordo com a solicitação e necessidade de cada empresa

Informações e inscrições pelos telefones:

(11) 3842.8249 e (11)3842.2174

Os pagamentos podem ser parcelados em duas vezes.

CICLO DE DEBATES NA SEDE DO GTPOS*:

Convidamos os educadores que tiverem interesse, para aprofundar e debater com a equipe do GTPOS alguns dos temas relacionados ao trabalho de Orientação Sexual, nas seguintes datas:

24 DE ABRIL, ÀS 20H

“A prevenção possível ao uso indevido de drogas”

Coordenador: **Antonio Carlos Egypto**

29 DE MAIO, ÀS 20H

“Gravidez na adolescência”

Coordenadoras: **Elisabeth Bahia e Elisabeth Gonçalves**

26 DE JUNHO, ÀS 20H

“A redução de parceiros na prevenção das DST/aids”

Coordenadora: **Maria Aparecida Barbirato**

* atividade gratuita

S E R V I Ç O

ATENDIMENTO DO CDI

O Centro de Informação e Documentação é um serviço do GTPOS aberto ao público.

Nossa biblioteca e videoteca são especializadas nos temas: sexualidade, DST/Aids e drogas.

Além dos livros e vídeos, dispomos de apostilas, relatórios, manuais, cartilhas, anais de congressos, artigos veiculados na mídia. Todos os itens podem ser consultados no local. Fornecemos listagens e indicações bibliográficas por fax, correio e e.mail.

Rua Monte Aprazível, 199 – Vila Nova Conceição - São Paulo - CEP 04513-030

Fax: (11) 3842.2174 / Tel: (11) 3842.8249

Atenção para os novos endereços eletrônicos:

gtpos@that.com.br

cdi@that.com.br

Netsite: <http://web.that.com.br/gtpos>

Horário de funcionamento do CDI: segunda à sexta-feira, das 13h30 às 17h30

BOLETIM Nº 18 JANEIRO/ABRIL 2000

GTPOS

GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

Fone (11) 3842.8249 Fax (11) 3842.2174

Rua Monte Aprazível, 199 – Vila Nova Conceição

CEP 04513-030 – São Paulo/SP – Brasil



IMPRESSO FECHADO

Podendo ser aberto pela ECT